

314

DEPOSITO GERAL

SEMANARIO HUMORISTICO

ROTTA

Luiz Caldas

Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

O Rei dos Pó-pós made in Pôrto



A. M. da Rocha Brito — Um homem que tem vendido mais carros e carrinhos que a Fábrica da Senhora da Hora

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração, Rua do Almada, 107-2.º Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na Imprensa Portuguesa, :::: Rua Formosa, 116 ::::

EDITOR:
E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:
JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

QUAL É O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA?

Damos, em seguida, a lista completa dos concorrentes com direito a prémios neste concurso.

Os prémios a distribuir fica assim estabelecida a relação. Dentro dos números que a cada um tocam serão contemplados aqueles que possuam o número igual a cada um dos três primeiros prémios da loteria de hoje. No caso de o mesmo concorrente, ser contemplado com dois prémios o segundo passará ao milhar imediatamente superior.

Rei dos Borlistas	1 a	333	Domingos Rodrigues da Silva	401 a	500	Manuela Moreira	6801 a	6900
T. S. F.	333 a	666	Castro Rodrigues	501 a	600	Adriano Machado	6901 a	7000
Fernanda Cruz	667 a	999	Emília da Silva	601 a	700	Bernardo Teixeira	7001 a	7100
Xico-Xico	1000 a	1333	Fernando Avila	701 a	800	Francisco Bastos	7101 a	7200
Elmano Somar	1334 a	1666	François Antoine	801 a	900	Carlos Teixeira de Sousa	7201 a	7300
O Cabeça Descoberta	1667 a	1999	F. O. Ch. (Francisco O. Charneira)	901 a	1000	Joaquim Pereira	7301 a	7400
Francisco Silva	2000 a	2333	Joaquim Augusto Vieira	1001 a	1100	António Lourenço	7401 a	7500
Manecas	2334 a	2666	Katecigo	1101 a	1200	Pedro Augusto dos Santos	7501 a	7600
Joaquim Couto	2667 a	2999	Katespero	1201 a	1300	Julietta Ferreira	7601 a	7700
K. H. I. pra vós	3000 a	3333	Miguel Fernando Castro Silva	1301 a	1400	Joaquim Queiroga	7701 a	7800
Abel Mendes	3334 a	3666	Rei dos Nabos	1401 a	1500	Heitor Pereira	7801 a	7900
António Rodrigues	3667 a	3999	Maria Luísa	1501 a	1600	Rosalina da Silva	7901 a	8000
Manel Cardiacó	4000 a	4333	Elmano Siamor	1601 a	1700	Tripeiro de Tripas	8001 a	8100
Ricóco	4334 a	4666	Manuel de Figueiredo	1701 a	1800	Estrela Ovos	8101 a	8200
A. J. Pereira	4667 a	4999	Saxies 3.º	1801 a	1900	Joaquim Pereira	8201 a	8300
José de Enfiás	5000 a	5333	Rei do Orco	1901 a	2000	António Lima	8301 a	8400
Marcolino	5334 a	5666	Manuel da Silva Guimarães	2001 a	2100	José Sequeira	8401 a	8500
Barbudo Pelado	5667 a	5999	Xico Zé	2101 a	2200	João Lourenço	8501 a	8600
Martinho de Antas	6000 a	6333	Faco	2201 a	2300	Fialho Correia	8601 a	8700
Guicha	6334 a	6666	Lamise	2301 a	2400	Maria Rita (mãe)	8701 a	8800
Marquinhos	6667 a	6999	Dr. Cupido	2401 a	2500	Abílio Sequeira	8801 a	8900
Albano Ferraz da Silva	7000 a	7333	Lizé	2501 a	2600	Américo Monteiro	8901 a	9000
Mota Capitão	7334 a	7666	Manuel Matos	2601 a	2700	Bernardo Campos	9001 a	9100
A's ordens de Sua Alteza	7667 a	7999	José Teixeira	2701 a	2800	Maria Lima	9101 a	9200
Bernardino Afonso Ornelas	8000 a	8333	Amadeu Pereira	2801 a	2900	Rodrigues Rocha	9201 a	9300
Bico Amarelo	8334 a	8666	António Costa	2901 a	3000	Aleixo Cruz	9301 a	9400
Beabá	8667 a	8999	Chorinca	3001 a	3100	Manuel Mendes	9401 a	9500
A. Henriques Pinto	9000 a	9333	Ramina	3101 a	3200	Julio Queiroz	9501 a	9600
Marmelada	9334 a	9666	Conde de Palmeira	3201 a	3300	Fernando Castro	9601 a	9700
Manuel Esteves	9667 a	10000	Príncipe da Boa Sorte	3301 a	3400	Alberto Pinto	9701 a	9800
			Claudio Pereira	3401 a	3500	Pereira Matos	9801 a	9900
			Manuel Rocha	3501 a	3600	Maria Rita	9901 a	9999
			Xico dos Figos	3601 a	3700			
			Ecila	3701 a	3800			
			Paulino Pinto	3801 a	3900			
			Piló	3901 a	4000			
			Luís Machado	4001 a	4100			
			Frasquita	4101 a	4200			
			Joaquim Ferreira	4201 a	4300			
			Américo Lacerda	4301 a	4400			
			Amadeu Silveira	4401 a	4500			
			Nanachin	4501 a	4600			
			D. Lopi	4601 a	4700			
			Abílio Ferreira	4701 a	4800			
			Aidrac Arntheve	4801 a	4900			
			Jaimé Cardia	4901 a	5000			
			Manel Cardia Ferreira	5001 a	5100			
			Tente, não Caias	5101 a	5200			
			Rosa Faria	5201 a	5300			
			Oscar Faria da Silva	5301 a	5400			
			Joaquim Amador	5401 a	5500			
			Anjoaro	5501 a	5600			
			Dias Pereira	5601 a	5700			
			Rodama	5701 a	5800			
			Armádo Carneiro	5801 a	5900			
			Luísa Ferreira da Silva	5901 a	6000			
			Pereira Martins	6001 a	6100			
			Raul Pereira da Silva	6101 a	6200			
			Abel Machado	6201 a	6300			
			Alvaro Ferreira Martins	6301 a	6400			
			Rei do Jazz	6401 a	6500			
			Fernando do Caço	6501 a	6600			
			Domingos Ferreira	6601 a	6700			
			Tinoco	6701 a	6800			

Todos os concorrentes são premiados com um livro.

Albano Tenro, Amira Camor Delçu, António Fernando da Costa Lima, Alberto Monteiro da Costa Lima, Alberto Monteiro de Carvalho, Alexandrino Machado, Bêlmiro António da Silva Pôrto, Dellim de Freitas, Edlitolé, Gardina Couto, José Pinto Raimundo, Mais ou menos, O príncipe sem sorte, Octávia Maria, Ricardo Alves Franco, Severa, Só Darco, Tarzan, Monteiro II, Cândido R. Carvalho Magalhães, Tartalarita, Ernesto Augusto Oliveira, Fernando Afonso Rodrigues, João Tino, Ladino, A. Meneses (Olegna), Adlino Anibal Barreira, Amarel, Francisco Oldemiro Novais Carneiro, Hugo Madureira da Fonseca, Jaime Rucla, Albano da Silva, Costa Lima, Mário Carneiro, Artur de Magalhães, António Tomaz da Rocha, Rainha do Orco, Manuel da Silva Costa, Miguel Couto, Alberto Marques, Monteiro da Costa, Carlos Marques, José Maria, Laurinda Magalhães, Francisco Lopes, Marques Cardoso, Aleixo Costa, Rainha das Musas, Satanaz, Felizardo, Arnaldo da Silva, Maria Alice, Silva Teixeira, O. A. R. L., Camões de Cacia, Larama F. R., Satañela, Oscar da Silva, Gernamo Marques, António Alberto Aleixo Antunes, Manuel da Silva Couto, Caixa de Oculos, Anjinho, Manuel Marques Ferreira, Heitor Lima, Micás da Silva, José Miranda, Fifé, Raul Leite, Fernando Leite.

Como vêem a MARIA RITA cumpre sempre e dá bons prémios

Língua morta em casa morta

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

Na Academia das Ciências. Nove horas da noite. Vai realizar-se uma sessão ordinária, como todas as que lá se efectuam. Preside o sr. Júlio Dantas. Mal o autor do sol-e-dó «Timpanas» se senta na cadeira de braços e, depois de abrir a boca num bocejo, abre igualmente a sessão, ergue-se o sr. Armelím Júnior, e diz:

ARMELIM JÚNIOR — Peço a palavra para uma questão prévia.

JÚLIO DANTAS — Tem a palavra.

ARMELIM JÚNIOR — Na Conferência de Cultura Intellectual, em Paris, tendo proposto um congressista que fosse adoptado o Esperanto como a língua a ser empregada, o nosso digno presidente repontou, optando pelo Latim. Deu, por esta forma, uma alta prova da sua cultura. Proponho pois que, apoiando o feliz alvitre do sr. Júlio Dantas, todas as nossas sessões, incluívê a que vai iniciar-se, se realizem no velho idioma do Lácio. (Apoiados gerais).

JÚLIO DANTAS inclina-se em sinal de assentimento, crava os olhos no teto durante uns minutos, puxando pelas suas reminiscências, e diz por fim — Invito secretarium Joaquim Pórculus ad legere actam. (Espectativa ansiosa em todos os rostos. Ninguém percebeu).

RAMADA CURTO — Pórculus?!

JÚLIO DANTAS, com um sorriso desdenhoso — Justamente. Pórculus, leia. Leiam Plauto e Marcial.

QUIRINO DA FONSECA, baixo, para Egas Moniz — Isto é que é saber, e o mais são histórias!

JOAQUIM LEITÃO, erguendo-se e lendo livro das actas — Introibo...

FERNANDO DE SOUSA, de olhos no céu — Ad altare Dei...

JOAQUIM LEITÃO, prosseguindo — Introibo ad lecturam actae sessionis precedentis. (Lê, vertendo o português para latim, sem obstáculos nem apêrtos,

com a facilidade de quem está vertendo águas. Quando termina, senta-se, limpando o suor. E logo se ouve uma voz):

EGAS MONIZ — Peto palavram.

JÚLIO DANTAS — Habet palavram dignissimus consocius Egas Moniz.

EGAS MONIZ — Volo congratulare me cum admirabile figura facta per nostrum excelsum presidens in Paris. Omnis mundus sabet jam de cor et salteatum suam splendidam orátio.

ANTÓNIO CABREIRA, em segredo, para o seu vizinho José de Figueiredo — Ele falou em Horácio... Temos algum colega com esse nome?

JOSÉ DE FIGUEIREDO, no mesmo tom. — Não. Horácio era um pintor célebre de Roma. Há quem diga, até, que foi ele quem pintou os painéis de S. Vicente. (Entretanto, pediu a palavra o Dr. Pereira Forjaz).

PEREIRA FORJAZ — Ego facie meas...

QUEIROZ VELOSO — O colega faz meias?

PEREIRA FORJAZ, rispido, como professor que é — «Facio meas» significa «faço minhas». Queria eu dizer que faço minhas as palavras do orador que me precedeu. (Desdenhoso) Não tenho culpa de que os professores das Faculdades de Letras ignorem o latim mais rudimentar. O que o meu interruptor precisava era de um raio... cósmico que o partisse.

JÚLIO DANTAS, agitando a campainha e esquecendo-se de falar latim — Então, meus senhores!

QUEIROZ VELOSO — Foi nuvem que passou. (Para mostrar que sabe mais latim do que o que os outros imaginam) Inter amicos non est gerin-gonha. (Declama enfaticamente, imitando Augusto Rosa) Discordâncias fugaces...

PEREIRA FORJAZ, inclinando-se para ele, já risonho — Depois...

QUEIROZ VELOSO, beijando-o — Vem o «ósculum pacis».

FERNANDO DE SOUSA, cofiando o bigode branco e olhando-se no espelho da parede ao lado — Sobre um beijo outro beijo, e sobre um dia outro dia... Como envelhece a gente, a velha Academia!

JÚLIO DANTAS, tilintando novamente a campainha — Revertamus ad ordinis diae.

JOAQUIM LEITÃO — Perdão, excelso presidente! A proposição ad pede acusativo!

RAMADA CURTO, de pálpebras quasi cerradas — Aliquando bonus dormitat Homerus.

ANTÓNIO CABREIRA, ao vizinho José de Figueiredo — Homero? E' outro consócio?

JOSÉ DE FIGUEIREDO — Foi um general célebre, que tomou Troia montado num cavalo de pau.

ANTÓNIO CABREIRA, para si mesmo, com um pouco de inveja — Grande coisa, ter um curso! Sempre se sabe mais um bocado.

JÚLIO DANTAS — Quid magis petit palavram? Nemo?

FERNANDO DE SOUSA — Presente!

JÚLIO DANTAS — Encerrada est sessione. (Levanta-se e faz uma mesura) Dominus vobiscum!

FERNANDO DE SOUSA, rápido — Et cum spiritu tuum.

ANTÓNIO CABREIRA, despejando emfim o único latim que sabe — Amen.

Catulo.



A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liociras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braamcamp, 688; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Berpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

Balancete da semana

Telegramas de Cuba:

Terça-feira:

Há sossêgo completo. Rebentaram três bombas num teatro de amadores que somente mataram catorze espectadores. Um dos que ficou vivo perdeu ambas as pernas e uma mão. E', por este motivo, geral a indignação.

Quarta-feira:

Há sossêgo completo. A's cinco horas, revoltaram-se as tropas, tendo à frente o sargento Trindade. Chovem granadas, e as metralhadoras, ininterruptamente, varrem de lês-a-lês tôda a cidade. Já morreu muita gente. E' geral a ansiedade.

Quinta-feira:

Há sossêgo completo. Fusilados todos os revoltosos, por vingança, já sargentos não há, nem há soldados, p'ra outra contradança. O ministério afirma que está forte e não teme a anarquia. O povo solta brados de transporte. E' geral a alegria.

Sexta-feira:

Há sossêgo completo. Só dois fardos de Mausers apreendidos a um barqueiro e dois ou três petardos que explodiram à porta de um livreiro. E' chegado o momento da ordem, da harmonia e da união. Grande contentamento. Geral satisfação.

Sábado:

Há sossêgo completo pelas ruas. Como ontem não surgiu revolução, p'ra compensar a falta houve hoje duas, uma do povo, outra da guarnição. O clero, reunido numa igreja, roga a Deus que nos valha. E' geral a peleja. E' geral a batalha.

Domingo:

Morreu tudo: soldados, tôda a gente, brancos, mestiços... Nem ficou um prêto. Não se encontra na ilha um ser vivente. Reina a paz. Finalmente, o sossêgo é completo!

Transcrevemos de *A Voz*, em correspondência do Pôrto:

Os caçadores srs. Joaquim da Rocha e Carlos Duarte Teixeira, encontraram hoje no monte Mozinho, em Valpedre, um porco bravo, todo preto, de grande corpulencia, pezando cerca de 100 quilos. Os caçadores, com muitos populares que se lhes juntaram, correram sobre o bicharoco, mas este, nas proximidades das terras de S. Vicente, Penafiel, desappareceu.

Há aqui uma coisa que se não compreende bem. Que os caçadores fixassem a côr do bicho, entende-se, embora a cor do animalejo, a correr, devesse aproximar-se mais da do burro quando foge. Mas como puderam êles saber o seu pêso?

Só se o javali teve a gentileza de saltar para o prato de uma balança antes de dar às de Vila-Diogo.

Ainda assim, parece-nos pêso exagerado para quem tão rapidamente soube evadir-se...

Falando na sessão solene dos Bombeiros Voluntários Portuenses, um orador afirmou que, em certa hora difícultosa, se ouvira um grito salvador. O repórter do *Noticias* entendeu mal e escreveu: apparecera um salvador, o sr. José de Brito.

Que demônio de confusão! Mas há casos repentinos de surdez. Por onde se prova que os Portuenses, reservando as mangueiras para os incêndios, precisam de arranjar, para as sessões, um sortimento — de cornetas acústicas.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

PROJECCÕES DE BRAGA

Uma grande obra que ainda não foi obrada — Ideias que marcam — O que será o Parque Infantil da cidade Augusta — O gozo é tudo... o resto quasi nada

Por agora, parece estar posta de parte a intensa gritaria que os jornais diários provocaram à volta da construção dum Parque Infantil na cidade, e é pena porque a ideia era de-veras genial.

A-pesar-dos casamentos terem diminuído e os divórcios aumentado a taxa dos nascimentos (sem incluir os gêmeos) atingem dia para dia uma maior elevação o que nos leva a supor que existam laboratórios especiais destinados à procriação artificial.

Como quer que seja, já que prever não é fácil, urge remediar, e, como esta vida é um gozo, em vez de criarem Creches ou estabelecimentos congêneres, onde se ministre insuflação e alimentos aos miúdos, muito mais prático se torna a construção dum grande recinto onde a garotada se bestialize com o estômago cheio.

O espírito da época é assim mesmo, não há que fugir.

O Parque em referência é assunto mais ou menos resolvido, existindo simplesmente certas divergências sobre a escolha do local.

Pretendem uns que a construção leve a efeito no lugar onde se encontra a já apodrecida plantação de milhoes, outros no Campo da Feira, e ainda outros em local fora da cidade, oportunamente a designar.

Na nossa anémica opinião os últimos têm a primazia.

Em Infias, atendendo a que os Paquizes estão mesmo a propósito para mostrar os muitos talentos irresponsáveis que vagueiam pela cidade, seria sarrazoadado transformar em beneficio dos menores o que por direito pertence a muitos crescidos; e, se o manicómio não fôr um facto, um facto será, os milhoes, passarem a considerar-se Monumentos Nacionais.

No Campo da Feira, pior um pouco; além de ser um local onde as Terça-feiras se realiza o mercado, esse um grande movimento nocturno, por ser o lugar preferido para a exposição de gado, das mais extrarantantes procedências.

Há a considerar ainda a pequenez do recinto dada a circunstância do Parque Infantil necessitar de várias dependências a-fim-de apresentar condições de harmonia com as idades respectivas.

Claro que um petiz de 10 anos, por exemplo, não brinca da mesma maneira que um recém-nascido.

Teremos, portanto, um Parque com divisões e divertimentos inerentes à idade.

Para crianças até aos 3 anos, existirá uma dependência com estabelecimento de biberons e uma grande vacaria leiteira, variando entre as turinas de origem e as nossas possantes e coradas amas de Barroso.

Para os de 4 a 8 anos, já é necessário um compartimento muito mais amplo, devido à diversidade de brincadeiras: o pião, o yó-yó, os triciclos, foot-ball com bolas de farrapos encharcadas em lama, etc. Convém portanto dotar esta divisão com uma sucursal do Bazar Braga, sem esquecer um

instrutor especializado em palavras de carroceiro e um desenhista à feição, que os habilite a esboçar facilmente essas lindas figuras que com frequência se encontram em portas e paredes pintadas de novo.

Para os de 9 a 13 anos o respectivo campo para foot-ball em larga escala, com Guarda Republicana e ambulância; ring para box e court de ténis. Tabacarias devidamente fornecidas e livrarias com obras políticas e literatura clandestina; cinema com films do Chevalier.

Bicicletes para corridas a-fim-de evitar que principiem a habituar-se ao carrinho de mão. União dos sexos e uma filial do Bazar dos Três Vinténs.

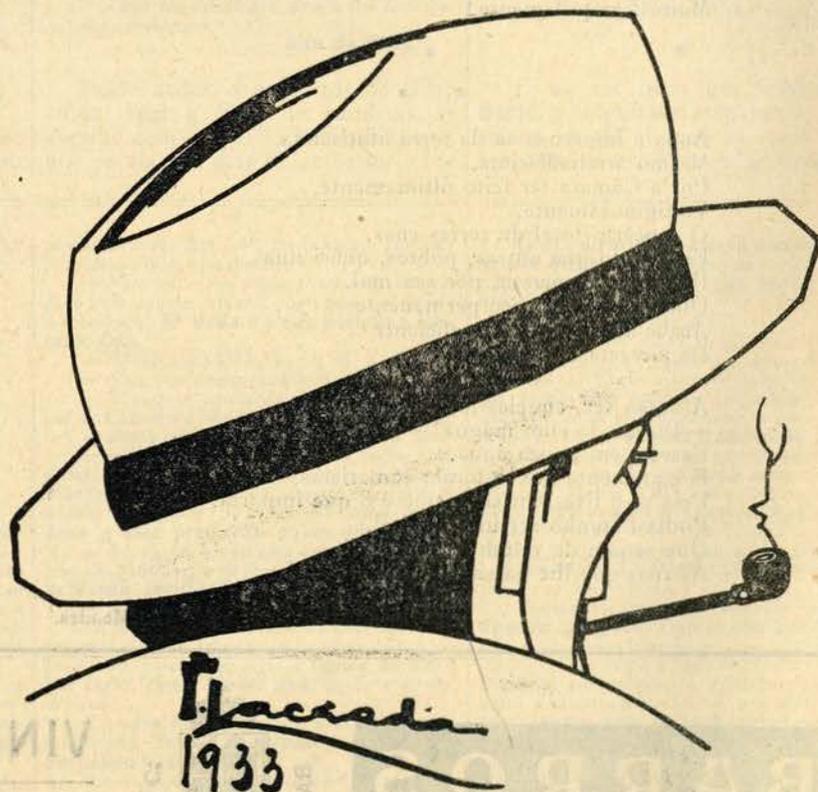
Para idades superiores a 14 anos, os mesmos pertences anteriores afora o Bazar dos Três, que será substituído por uma brigada de parteiras e uma farmácia a cada esquina.

Sal & Pimenta.

OS MEUS BONECOS

XVII

ANTÓNIO BRAGA



ou um homem que, ao contrário de muitos, não entra no céu porque... não caberá lá

Viva de Espinho

Aquele casarão que foi hotel
Aconchegado e ameno,
E que hoje não é nada,
Nem sequer motivo de aranzel
E de grossa e merecida pateada,
Continua, impávido e sereno,
A não... continuar!...
E assim continuará, por certo,
Indefinidamente,
Aquele delicioso céu aberto,
A não ser que o cão do nosso mar,
Farto de tamanho desmazelo,
Eriçando, assanhado, o alto pélo,
Lhe meta no alicerce o rijo dente!

*
* *

A C. P. é uma dama astuciosa
Que, num perfeito lôgro
Para nós, vive em Espinho, donairoza,
Como um rei em casa do seu sôgro.
— Sentindo a nossa falta de tesura
Não se entenece com os nossos gritos,
Puramente sentimentais,
Para que deite ao lixo a «passarelle»,
Para que faça uma estação decente,
E muitas coisas mais!

Mas como em Espinho não há gente,
Ela aproveita este ambiente de ternura,
E zombando, assim, dos aflitos,
Vai-lhes tirando o ôsso mais a pele...
Muito tranqüilamente!

*
* *

Anda a imprensa cá da terra aflitíssima,
Mesmo arreliadíssima,
Por a Câmara ter feito ultimamente,
Vertiginosamente,
O concôrto total de certas ruas,
Emquanto que outras, pobres, quasi nuas,
Há séculos esperam, por seu mal,
Que a sua pelintrice permanente
Acabe ante o trabalho eficiente
Da picareta municipal!

A nosso ver, aqueles jornalistas,
— Dizêmo-lo com mágua! —
Fervem em pouca água,
E certamente nunca foram camaristas,
Pois se o tivessem sido, que é o que importa,
Podia Espinho ser um lamaçal,
Que seriam de veludo e de cristal
As ruas que lhe passam junto à porta!

Zé Mendes.



Inocência!...

Na Confeitaria do Bolhão, à hora do chá. Numa das mesas, — muito frescas, muito cinéfilas, muito etc., etc., conversam a Fifi e a Lulu. De outra mesa, bombardeia-as com olhares falai o Armando Vale.

A FIFI, fingindo um ar agressivo, mas olhando o rapaz à sucaça — Que seca! Lá está ele a fitar-me descaradamente. Se soubesses o que tenho passado para lhe fugir...

A LULU, olhando-o também por trás da botica — E' aquele rapaz alto, de olhos verdes? Olha que não é peste nenhuma, minha filha. E tem um ar possante, másculo, um ar que, francamente, me não desagrada nada.

A FIFI, sempre de sobreceño caído, mas já arrependida de ter chamado a atenção da amiga para o rapaz — Pois se o queres, guarda-o. Ali onde o vês, é um grande malcriado!

A LULU, comendo o rapaz com os olhos — Malcriado? Então que te fez ele, pode saber-se?

A FIFI, num desabafo — E' um malcriadão, a escrever. Calcula que a última carta que me escreveu era tão indecente que eu lha devolvi sem a ler!...

Dr. Knox.

Os impossíveis dêste mundo

Ao meu amigo Joaquim Silva.

- Chamuscar cevados em labaredas de amor.
- Meter desobedientes na correção da pronúncia.
- Transmitir a Ordem do Carmo.
- Ferrar o cavalo de D. Pedro.
- Colhér as florinhas do lar.
- Licenciar o soldado desconhecido.
- Arregaçar as saias à Flora da Cordoaria.
- Destruir propriedades com o tanque da Fonte da Cadeia.
- Anediar as polmas da menina húmida.
- Meter requerimentos para preencher vagas coloríferas.
- Segurar habitações na Companhia dos nossos.
- Sepultar cadáveres em caixões de lavadeira.

José A. Pereira da Costa.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

DESCANSO SEMANAL

O correspondente do "Janeiro" em Aves (Santo Tirso) — Original sem conta — A famigerada "Berta"

Aquele célebre correspondente do *Janeiro* em Aves, risonha povoação do concelho de Santo Tirso, é um curiosíssimo espécimen de literato ardente e nato. Pela nossa parte só lhe podemos render louvores, pois foi com um artigo d'ele iniciada esta secção, e a profusão das suas asneiras deu em resultado esta página semanal.

Pois este homem, segundo já tivemos oportunidade de confidenciar a V. Ex.^{ma} anda a publicar num jornal de Braga, *A Cruzada*, um poema hípico em oitavas guerreiras. Resolveu desta forma descrever a paisagem minhota em geral e em particular a sua própria pessoa. Damos abaixo duas oitavas. (Não confundir com duas oitavas abaixo).

(CONTINUAÇÃO)

*Um pouco para o Sul, e eis a linha
Que à margem do Vizela ali está,
E vemos o comboio como alinha
Parando em Negrellos que é ali já.
Depois de ter passado além da vinha
Da fábrica que vemos acolá,
Que em tecidos não há outra igual
Por que é esta a maior de Portugal.*

*Esta linha, que corta o arvoredo,
Parece uma maiúscula cascata
Que tem um certo encanto um tal enredo
Que a gente ao contemplá-la fica abstrata!
Acolá uma azenha, um penedo,
Um jumento a seguir pela arreata,
Carregado de foles, passa a vinha
Atrás duma tão linda moleirinha!*

Joaquim Moreira.

Isto é lindíssimo, não acham? O que seria desnecessário era o sr. Joaquim

Moreira fazer parte integrante da paisagem. Mas vão lá fazê-lo recuar!...

O *Jornal de Notícias* no seu mentideiro *Pelo Mundo* trazia a seguinte arripiadora descrição:

Criança devorada por um jacaré

Impressionante ocorrência se verificou no lugar denominado Miracavena, em Manaus, no Brasil, distrito de Careiro. Quando um menor de 15 anos procurava desembaraçar um bezerro, que se emaranhara em moitas de matupá, foi preso às mandíbulas da fera foi arrastado para o fundo de um pantano.

Como se depreende, a criança ficou presa às mandíbulas do bezerro, enquanto bem de-certo o crocodilo ficava com os pauzinhos ao sol.

Um anúncio esplêndido do nosso *Janeiro*.

Salve, 1-11-933

Completa hoje mais um mimoso e florescente cravo, o sr. Artur da Silva. Por tão ditoso dia, deseja mil felicidades sua esposa,

Rita da Silva.

Neste andar o sr. Artur da Silva ainda vem a ficar de candeias às avessas com a sua Ex.^{ma} Espôsa, pois que se ela nos dias de aniversário lhe

dá uma no cravo, nos outros dias é capaz de lhe dar na ferradura.

Mais uma formidável máxima do Carvalho maluco, de Famacião:

250

Nascemos, principiámos a roer pra finalmente morrer, pra tornar a nascer.

Travassos, 1933.

Julho, 15, Sábado, às 9 horas e 26 minutos — Santa Henriqueta

José de Araujo Carvalho

(de TRAVASSOS, com 67 anos) feitos em 19 de Fevereiro às 9 horas; viuvo da Brasileira, Paulista, Maria das Dores Alves Guimarães, viuva que era do português Samuel Alves do Azevedo, baptizada na Matriz de Campinas em 11 de Abril de 1844; nasceu em 29 de Março às 7 horas, era filha do português José Pinto da Costa Guimarães e de sua Esposa D. Teresa de Jesus Guimarães; falecida em Travassos, 1928, Janeiro 8, aos 15 minutos; e com 26 bois a que damos de comer às 3 horas pra trabalhar na terra ao amanhecer.

Portugal — Vila Nova de Famacião

Pagou por 1.000 exemplares 15500 pra distribuição gratuita

1933 — V. N. Famacião — Tip. Minerva
JULHO

Não comentamos, porque já dissemos tudo nas duas linhas acima.

E aí vai mais um folhetim da *Berta*, o formidável romance da actualidade gaiata. E não há meio de ter vergonha o sr. Fernandes Braga!...

FOLHETIM DE O COMERCIO DE GAIA

BERTA

13 de Outubro de 1933

N.º 13

ROMANCE DE AMOR

POR

DOMINGOS FERNANDES BRAGA

«E quando a conversa chega a este ponto, entram para o mesmo compartimento duas senhoras muito distintas, mãe e filha — esta acondiciona as malas na rede da carruagem enquanto sua mãe se está despedindo de umas senhoras amigas. Parte o comboio e a portinhla as duas senhoras se destinam a dizer adeus a varias pessoas.»

— A filha senta-se e deparando com a pessoa de Ruy e não fujui a tentação de imediatamente assentar o lorgnon, com uma vaidade que o chegou a impressionar duma forma assustadora.

Trocaram-se olhares e então Ruy, levantando-se, debruça-se à portinhla e Fernando compreendendo a impressão causada em Ruy por aqueles olhares Igneos, levanta-se e convida-o a irem para o corredor do Comboio e ahi pre-

gunta-lhe: Sr. Ruy, V. Ex.^{ma} parece que está fazendo corte àquela donzela?

— Não, eu o que estou é bastante alvorçado com aqueles olhares fogo que me atraí e me subjuga. E' linda é a sua posição e bastante fina.

— Conhece-a V. Ex.^{ma}?

— Não, por forma nenhuma.

— Chama-se Lucia de Campoamor, natural de Coimbra e reside no Penedo da Saúde.

— Então o sr. Fernando conhece-a bem?

— Sim, conheço. E' formosa, rica filha duma familia muito distinta, poyem a sua levandade, pois é muito vaidosa, já lhe tem dado alguns amargores; se ainda não casou, isso se deve a esse predicado pouco competente. Ainda há pouco tempo teve relações amorosas com um quantanista de Direito, e precisamente pela sua fatalidade, destruiu-se o projecto.

— Ah! Sim! Pois é pena.

O seu pensamento era atavessado pela imagem da sua adorada, mas como Lucia estava mais perto d'ele, aquela figura do amor tão certo, ia-se, parece que, pouco e pouco, diluindo.

E, repentinamente, toma uma deliberação muito sã, mas tão recôndita em si, que Fernando nada descobre.

Resolve, em segredo, procurá-la e falar-lhe. Formulado este proposito, já a sua alma o accusava de mansinho, e a voz dela falava assim:

— «Rui que estás? Onde está a sinceridade que juraste a Berta?»

O seu alvorçado estava dominado por aquele olhar sedutor, e estava tão comprometida que, a cobardia, que lançava-o na maior baixesa!

Eis a fraqueza humana!

E então onde está o direito de o homem se julgar forte? Que loucura e que pobreza de conceitos!?! E' que o homem é um pecador, e a sua queda vem oriunda do pecado do Eden, causada pelos nossos primeiros pais no Paraíso Terreal — Jardim Edénico de Delicias — e que se não fosse o pecado original não estava hoje pensando o mundo com desatino, lançando apenas a sua vista para os nadás da terra, influenciando a consciéncia, e não olhando para o alto, onde existe o supremo senhor, que o vigia alentamente e procura na sua misericórdia salvá-lo do atoleiro em que sempre se mergulhara.

Fernando admira-se apenas da levandade daquele momento empregado por Lucia, e não conhece os transportes que vão na alma de Ruy. Este, como a sua sonhadora dirigiu-se à janela, elle vai tambem disfarçando e os seus olhos fixando nos de Lucia, um sorriso leve, mas quente, saiu de seus lábios com que a saudar Ruy, e cuidando desviá-la daquela pesagem, diz-lhe:

— Ela anda louca, e essa loucura desvirtua-a, não parece a V. Ex.^{ma}?

— São assim as mulheres — diz Ruy.

(Continua.)

O QUE É O AMOR?

O amor em trajes menores — filosofias — Asneiras serenas
 — Julinices em fundo verde — isas razas — Répas & C., L.^a
 — Revelações bestiais — Um "menu" apetitoso, etc., etc., etc.



rematadas com um rabicho dêste formato?

Em casa do dr. Leonardo Coimbra

Tomei um carro, já não me lembro se de linhas, se de cantoneiro, rumo de Matozinhos. Batia, após uma agitadíssima viagem, à porta do nosso Bergson.

— O sr. doutor está?
 Fui conduzido, em cinema mudo (perdoem a cacofonia), a um laboratório complicadíssimo, onde Sua (dêle) Ex.^a se encontrava ocupado a medir a sensação que um gato pode ter em Fevereiro, quando lhe cheira a gata.

— Que deseja?
 — Saber a opinião de V. Ex.^a sobre o amor!

Pausa de duas horas sem quartos.

— O amor, senhor, é um ultra-subjectivismo cósmico, aberto em ogiva para o Infinito, ou, explicando melhor, uma dupla sensação carnívoro-espiritual intrinsecamente percepcionada em grande campânula filosófica. Em duas palavras: O amor é o Bombeiro de grandes reconstruções enterrecidas que não apaga fogos.

Absolutamente tonto, com vertigens, sai às arrecuas e fui, cêlere, tomar um banho de mar.

Com o dr. Joaquim Madureira

Depois de uma boa hora de espera, numa sala de visitas cheia de Gatos e Fialhos pelas paredes e Idolos, Homens e Bestas aos trambulhões, Sua Ex.^a surge a rasgar furiosamente um óleo de Columbano.

— Qu'est ce que vous voulez?
 — Uma pergunta: o que é o amor?
 — Ora! Uma caganifância! E' esterco!... Só isto!...

Temei nota da preciosíssima revelação e pus-me na esgucira.

Num 3.º andar da rua Ivens, em Lisboa

— O sr. dr. Júlio Dantas está?
 — Tenha a bondade de entrar para a sala verde.

Vejamos como era a sala verde: reposteiros verdes, tapetes verdes, um contador... da luz, um cravo... de papel, panos de arroz em vez de Arrás a tapar os candelabros de fôlha dourada. Sobre esta mesa *Império* uma cabeleira empoada que pertenceu ao Marialva. Mais além, dependurado num escarrador Luis XV, um *soutien gorge* que fôra da Severa. Num cabide de ferro, género Napoleão I, um solidéu de seda que pertenceu ao cardeal Pilou. Ao fundo, entre dois Budas de chocolate, uma liga de estôpa da embaixatriz de Avintes. Retratos pelas paredes. O maior de todos e o mais luxuosamente encaixilhado é o que representa o dr. Campos Monteiro de farpas na mão, em frente à porta da Academia.

Fumando um *bout doré*, com uma pinça de prata lavrada à charrua, entrou, enfim, Sua Ex.^a.

Trajava casaca, porque seguia nesse momento para Fornos de Algôdres, assistir a um jantar de Confraternização Ibérica.

Disse-lhe ao que ia.
 Numa graciosa mesura palaciana, enquanto um rubor lhe incendiava a face grega, o sr. dr. Júlio Dantas, proclamou:

— O amor... o amor é, para mim, ou resume-se para mim, a um minuete saboroso, dançado com os *quês* e com uma figurinha de Sévres, boa como um melão de Almeirim.

E saiu, grande, olimpico, silencioso como uma máquina Singer, enquanto um despertador badalava.

Amarfanhado, sai também.

No jardim do sr. Cunha da Raza

Em mangas de camisa, o sr. Cunha da Raza, andava a apanhar violetas.

— Como vai? — interrogamos.
 — Mal!... Mal!...
 —?

— Estou cheio de aftas na língua. Assim é um desconsólo, palavra! Deve ser das ostras. E eu então que abuso!... Mas o que deseja, afinal?

— Saber o que é o amor!...
 — Parece piada!
 — Piada?

— Sim, porque me chamam o Cupido barbado.

—?...
 — Bem, eu perdoe-lhe!... O amor... Uma pergunta: Já entrevistaram o *Galo*, perdão, o *Apolo* da Academia? Já? Pois o que êle disse, digo eu! Os nossos temperamentos são um só!...

No camarim de Beatriz Costa

Acompanhado do meu eminente amigo Emilio Loubet entrei, rumo dos bastidores, no teatro Sá da Bandeira.

No primeiro camarim, à direita quem entra, ou à esquerda quem sai, enxerguei, em sobressalto, um magote falante, gritante e anedotante de gente masculina. O que seria aquilo? Enxaqueca em alguma actriz, *delivrance* inesperada, roubo?

Informou-me, sem pestanejar, o meu camarada que ali era sito (que



fino) o camarim da estrela da *Canção de Lisboa*.

Lancei uma olhadela. Vi umas repas, uns olhos grandes e uns lábios apetitosos. A artista ilustre veio finalmente à tona daqueles casacos escuros.

Flechei-a:
 — O que é o amor?

Beatriz Costa riu com vontade. Depois, sem cessar de rir, respondeu:

— E' bom e é mau! Para mim, para o meu caso (pessoal e intransmissível!) o amor é uma coisa agradabilíssima!

Concordei plenamente e despedi-me da simpática rapariga que, nessa altura, era chamada para entrar em cena.

Nos aposentos da Maria Helena

Maria Helena, a cultíssima e interessantíssima artista da alta comédia, lia, sôzinha no seu camarim, o *Século*.

— Dá-me licença?
 — Faz favor!...

Estendeu-me a mão esbelta, com affecto. Expliquei-lhe a causa da minha invasão.

Sorrindo maravilhosamente, muito viva, olhos negros, dentes perfeitos, Maria Helena retorquiu-me, sem atitudes postigas:

— Como poderei eu dizer-lhe o que é o amor, se já não há amor! Hoje ninguém sabe gostar! Cada um gosta de si próprio, mas, mesmo assim, muitos não são capazes de gostar!...

Na época hodierna o amor é uma brincadeira!...

Agradei à gentil actriz, inteligente entre as mais inteligentes e saltei ao

Camarim da Maria Salomé

— Sou da MARIA RITA...

— Da MARIA RITA? — interrompeu-me, — então saberá por certo quem é o Sarcery Júnior ou o Sarcery Senior!

— Olhe que não sei!...

— E' o Eduriza? Diga, é?

— Não! Este nosso amigo é demasiadamente sério para se albergar sob umas saias largas de matrona. Mudando de assunto: eu queria saber, D. Maria Salomé, o que é o amor!...

— O amor?!... Sei lá?... Isso não se pode dizer assim de repente!...

E' depois duma pausa de semi-breve:

— E' uma coisa muito complicada, que não sei, nem posso explicar!...

Levantei-me para sair. A' porta já,

Maria Salomé ainda me disse:



— Dava tudo para saber o nome verdadeiro do autor das *Teatradas*.

Com tal promessa estive meio tentado a desvendar o mistério, que não é mistério nenhum.

Ouvindo a corista Maria Pinto

— O que é o amor?
 — Respondo com um alexandrino do sr. Júlio Dantas:

«O amor para mim, era a mulher apenas». Semi-aparvalhado ia protestar, quando a satânica mulher fugia como gazela, pelo corredor dos camarins.

Deixei o Sá da Bandeira. Estava terminado o meu inquérito passional.

Corri a levá-lo à MARIA RITA que, ao ler a epigrafe, respondeu:

— «O amor no meu tempo adquiria-se com uns lindos olhos ou um bom carácter. Hoje adquire-se ainda, mas a troco duma nota de 100\$00 para cima.

E pôs-se a cantar:

Quem no sexo feiticeiro,
 Não queira encontrar rigor,
 Não diga que tem amor,
 Mas logo que tem dinheiro!

Fernando.

No próximo número,
MARIA RITA dirá da sua justiça, em prosa altisonante, sobre a peça **A Estrela do Ave-**
nida

Teatradas & Cinematografices

Por conveniência de paginação publicamos esta nossa escaldante secção :: :: na página 15 :: ::

† AQUI JAZ

Continuação do concurso da MARIA RITA 50\$00 ao melhor epitáfio publicado

Aqui jaz o padre Moisés
Da freixesia das Travessas.
Moisés eu dum enchaço nos pés
E foi enterrado às avessas.

Remetente: Reirobi.

O meu vizinho da esquina
E' de tal forma sovina,
Que só para não gastar
No seu entêrro um tostão,
Talvez que por sua mão
Há de querer-se enterrar!

Remetente: Pinto = \$480 reis.

Nesta cova funda e fria
Jaz o Zé dos Castiçais,
Fartinho de dar aos outros
Aquilo que tinha a mais...

Remetente: José Sales.

Aqui dorme o sono eterno
O Raimundo Vinagreiro;
Morreu ético, a fazer,
Batoques p'ra tanoeiro...

Remetente: Mozarte.

Dorme sob êste letreiro
Uma avarenta ricaça
Que não teve morte aflita.
Sempre agarrada ao dinheiro,
Resolveu morrer de graça,
A ler a MARIA RITA.

Remetente: Alexandre Dumas Coisas.

Disse no seu testamento
Este burro que aqui jaz,
Nnm desabafo mordaz:
«Que a-pesar-de ser jumento
Morria de sofrimento
Por montar no espinhaço
Muito patife e madraço
Em nada seus superiores!
Sendo até alguns doutores,
Valia mais um pedaço!...

Remetente: Pinto = \$480 reis.

Sob esta lousa pesada
Descansa o Zé Marinheiro,
Que morreu agarradinho,
Ao mastro do timoneiro...

Remetente: Cálá.

Aqui jaz, *per omnia sécula*,
O bondoso Frei João,
Por confessar, noite e dia,
A mulher do sacristão...

Remetente: A. B. de Leça.

Aqui jaz um famoso jornalista
Que cumpriu, sem revolta, o seu dever,
Sempre a escrever
Em prosa genial, de dar na vista.

Já prestes a deixar
Esta vida, esgotante como a nora,
Inda pôde exclamar,
Pondo no teto o amortecido olhar:
— Espero a Última hora...

Remetente: Elmino.

Jaz nesta triste paragem
Um tipo desconfiado,
Que tremeu da gatunagem.

— Foi a única viagem
Que êle fêz de olho fechado!

Remetente: Gil-Berto.

Repousa neste coval,
O sapateiro Casebre,
Por lhe cortarem, um dia,
A cabeça do bisegre...

Remetente: Zé de Leixões.

Valeu!

Respondendo ao camarada «Oinotna»

Na sua *Desilusão*
O que propõe, eu aceito,
Porque, cá nesta questão,
'Stou de braço... às armas feito!

Como já há muitos anos
De carnes tenho fartura,
Mais uns ossos, uns tutanos,
Mais cem quilos de gordura,

Não virão fazer-me mozza,
Nem representam desdita.
Portanto, logo que possa,
Mande para cá a RITA.

Depois eu, com lento passo,
A passear, mui lampeiro,
Com uma por cada braço...
— O' que lindo galheteiro!

Bisnau.

ATLAS

O CALÇADO PREFERIDO PORQUE É O MELHOR



O Campeonato Nacional — O "Leça" também ser gente — O Salgueiros perdeu na própria casa, e o mais que se lerá

A Associação do Foot-Ball do Pôrto é um organismo que manda *in-extremis* nestas coisas do pontapé dirigido. Por essa mesma razão deliberou que em cada Domingo se realizassem pelo menos, quatro desafios. Mas como as tardes agora são pequenas, resolveu que se realizassem dois em cada campo. Até aqui está a coisa muito bem. O que não está certo, porém, é que sendo os desafios à mesma hora, se obrigue um jornal como o nosso a dar o relato dos quatro desafios, quando é certo que esse soberano organismo só nos faculta um misero bilhete de ingresso nos respectivos campos.

Desta forma, ou temos que escolher à sorte qual o campo em que se vai desenrolar a maior tragédia, ou temos de nos resolver a alargar os magríssimos cordões da nossa bôlsa, para mandarmos um enviado especial à outra parte.

No último Domingo, por exemplo: Começamos a deitar balanço aos jogos da tarde e dissemos com os nossos botões:

— Não vale a pena ir até ao Bessa. O Leixões e o Candal empatarão. E quanto ao Pôrto vai pespegar uma tarefa no Leça que até Deus se admira. Além disso o Pôrto é capaz de aparecer em campo com os jogadores da sua 3.^a categoria e nós o que queremos é ver bom jogo.

E nesta ordem de ideias fomos até ao Campo do Salgueiros ver o Progresso contra o Atlético e o Boavista contra o Salgueiros.

Antes de começar

O Campo do Salgueiros num dia como o de Domingo, parecia um campo de aterrissagem para aeroplanos. Era tanto o frio e o vento, que não havia capote da guarda capaz de o amparar. A bancada dos jornalistas, então, dava a ideia de uma *frigidaire* com todos os pertences. Abandonamo-la, e fomos encostar-nos a uma parede musgosa que cheirava a águas humanas que era uma consolação. A certa altura pareceu-nos que o céu se desfazia em água. E, foi, aprovei-

tando as águas, que o Progresso, progrediu no score. O jogo destes grupos terminou pela vitória do Progresso, ou não fôsse verdadeira a frase internacional: — ninguém trava o Progresso.

Boavista-Salgueiros

Quando o Eloy da Silva pisou o *ground* parecia um escocês tocador de gaita de foles. Um casaco muito bonito, umas calças pelos joelhos, e umas meias mais abaixo um bocadinho, davam-lhe um aspecto engraçado, que o diabo dos óculos não amortecia.

Na parte ocidental do Campo podia nadar-se à vontade, quando o apito se fêz ouvir. Bola para aqui, bola para ali e o Costuras começou a fazer das dêle... Dai a pouco — zâs — já o Oliveira tinha engulido a primeira bola. Nesta altura subiu a cotação do *Peseta*, a meia ponta direita do Boavista. Eu já nem sei como isto é: o Boavista lembra-me um sempre em pé. Tem dado jogadores para todos os clubes portugueses. Pois assim mesmo ainda guarda alguns para êle.

A asa esquerda do actual grupo parece uma asa de anjo. E' boa e sabe o que faz. Pena é que o ponta direita não saiba o que anda a fazer. Ou já está comprado para algum grupo, ou no Domingo tinha aprendido com o *Farkas*. Bola que lhe fôsse aos pés mesmo na frente das rêdes, era uma bola perdida.

O guarda-rêdes — o Chico — não deixa de ter habilidade, mas está verde.

A parelha de *backs* é de rabo pelado; mas o Luzia já luziu muito mais. Nos médios, o Boavista lê ainda pela cartilha antiga. E' tudo em *Reis*, que é afinal o único escudo do trio.

O Salgueiros

Alinhou sem o Alípio. E ou fôsse por isto ou por aquilo, não gostamos da sua exibição. O seu centro avançado, tem a mania de guardar tudo para êle e não dá nada aos outros.

Dos defesas, um, não sabe o que anda a fazer. Tem corpo que chega

para dois; mas só faz uso dêle para mandar as bolas para fora, ou para magoar. A escola *Avelinica* frutifica.

O Oliveira, coitado é que se viu em assados. Tanto trabalhou, tanto o maçaram que no final já suava azeite. Foi por isto talvez, que uma bola lhe escorregou das mãos e deu o terceiro *goal* ao Boavista.

E por falar em Boavista: não era nada mau que o Eloy quando arbitrasse desafios dêstes, levasse para o campo dois pares de óculos, porque no Domingo não viu ou não quis ver nada. Não é verdade, Eloy?...

Do restante do grupo nada vimos que merecesse censura.

Notas finais

A' última hora foi-nos comunicado que do encontro Leça-Pôrto resultara um empate de um a um.

Dizerem-nos isto e darem-nos uma pancada na cabeça foi a mesma coisa. E quasi com receio de o fazer, confessamos: custou-nos a acreditar.

O Pôrto e o Leça empatados?!... O que terá ido de foguetes em Leixões?!...

E se não fôsse a sinceridade dos jornais, na última Terça-feira afirmando que de facto o Leça empatara com o Pôrto, ainda hoje julgávamos um sonho.

Assim, não! Assim lendo o relato do Janeiro ficamos sabendo que o Pôrto afinal não tinha empatado: tinha perdido com o Leça!

Ele sempre há cada coisa no *shute*?...

E a verdade é que o Pôrto não mandou as suas 3.^{as} categorias. Mandou o que de melhor havia lá por casa com fugitivos e tudo!...

Zé das Botas.

Viva de Espinho

E' esta uma nova secção semanal da nossa MARIA RITA dedicada à risonha praia de Espinho.

Firma-a o nome de um *cancelheiro* da C. P. e dito isto estará dito que *Viva de Espinho* é uma porta aberta a tôdas as manifestações humorísticas.

Zé Mendes — podemos afiançar — além de empregado dos Caminhos de Ferro, esconde ainda uma personalidade destacada entre os valores da quella vila.

Visitem ESPINHO -- Magnífico Casino



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 34

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO + REDACTOR: REI DAS MUSAS

18 DE NOVEMBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

OINOTNA
SABRIGAITA

Decifrações do n.º 32 — 1) Perula, 2) Avoceta, 3) Arraul, 4) Cavalhão, 5) Solosão, 6) Inventor, Itor, 7) Caturhe, cano, 8) Rabo, Ovar, 9) Bilha, bilhão; 10) Cuartel, 11) Sordez, 12) Cincopo, 13) Aldeia de João Pires, 14) Salvaterra de Magos, 15) Pela boca perde o peixe.

Decifradores — Oinotna, 15; Sabrigaita, 15; Rei do Orco, 13; Serigaita, 13; Rei Fera, 13; Amil, 13; Reirobi, 12; Xenofontes, 12; Otopavlis, 12; Fantasma Negro, 11; Monteiro II, 11; Feirante, 11; F. Rodrigues, 11; Só Darco, 11; Jarb, 11.



Enigma em verso

(Retribuição ao ilustre charadista Olegna)

(1)
Sou de grande estimação,
Pelas damas adorado;
Podem ter-me num salão,
Ou num bôlso bem guardado.

A muitas eu dou prazer,
Sem retirar do meu pôsto;
Mas a outras sem querer,
Causo profundo desgosto.

Sou querido das formosas
Que tanto louvam meu fim;
E jamais as caprichosas
Tiram os olhos de mim.

Otopavlis.



Charadas em verso

(2)
S. Pedro não tem tormenta, — 2
Com o guarda da prisão, — 2
Pois, possui o coração,
Duma bicha peçonhenta!

Agá Larbac.

(3)
Se aquilo que a gente sente, — 1
Cá dentro, tivesse voz, — 1
Volta e meia o peixe espada
Andava em cima de nós!

Sepol.



Novíssimas

(4)
Viva o Dr. Knox que me curou
da bebedeira e de um Kisto cebaceo!
— 1, 2.

Olegna.

(5)
Tôda a gente nota com desgosto
o mau cheiro que deitas pela bôca!
— 1, 1.

Busina.

(A' confreira Serigaita)

(6)
Ande, mulher, porte-se como uma
senhora. — 1, 2.

Lérias.

(7)
Amor!... Única palavra sublime!
— 1, 2.

Sabrigaita.



Sincopadas

(Ao meu mano Monteiro II)

(8)
3 — Ontem fui fazer um depósito e
avistei ao longe o «Monteiro II». — 2.

Fantasma Negro.

(9)
3 — Uma charada com picos causa
sempre agitação. — 2.

Busina.

(10)
3 — O homem rude é um homem
honesto. — 2.

Sabrigaita.



Maçadas geográficas

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(11)
OLEGNA VAI A' BARRA?

Fantasma Negro.

(12)
CEDI, BELHACA

Só Darco.

(13)
C. TELES DAVA O PLANO

Horaciano.

(Agradecendo ao prezado Monteiro II)

(14)
D. MONTEIRO BA MEIA?

Reirobi.

(Ao valente Sepol)

(15)
ILDA, ANALISA O VENTO NORTE

Otopavlis.

(Ao Rei Tinto)

(16)
DAI CARNE DA REZ A CÃES

Amarantino.

Tipográficos

(17) (12 letras)

U DOMINGO 50 TC AA

Horaciano.

(18) (7 letras)

AI! AI!

Busina.



Provérbio a adivinhar

(Retribuindo ao colega Monteiro II)

(19)
Casou o Lucas Palhinha,
Com a Balbina Caroco;
Galante rapariguinha,
E éle excelente moço.

Porém, no par em questão
A diferença que se acha,
E' ser éle um latagão
E ela muito mais baixa.

Por isso alguém se tem rido
Deparando co'o casal,
Porque mulher e marido
E' um par bem desigual.

Mas a todos o Palhinha
Diz, falando da Balbina:

.....?
.....?

Otopavlis.



ATENÇÃO!

A todos os colaboradores que acorreram ao nosso apêlo enviando-nos listas elucidativas dos diversos cultores do charadismo, os nossos penhorados agradecimentos.

Como o ENIGMA — será este o título do mensário em preparação — deve ver a luz da publicidade no dia 1 de Janeiro de 1934, pedimos a todos os nossos amáveis colaboradores, a fineza de nos fazerem remessa dos seus artigos a-fim-de começarmos a preparar o primeiro número.

Damos a preferência a: enigmas figurados e em verso; charadas em verso, novíssimas sincopadas (em verso), mefistofélicas, logógrafos em verso, anagramas, conlmbricenses em verso, eléctricas, etc. Não daremos publicidade às seguintes espécies; Acrósticos, combinadas, saltitantes, decapitadas, aumentativas e enigmas tipográficos.

No próximo número elucidaremos mais circunstanciadamente os nossos prezados colaboradores das indispensáveis condições a observar e... mãos à obra.

Rei das Musas.

Válidos e Inválidos

Colega MARIA RITA:

Passou o S. Martinho, o santo que tem mais fiéis em todo o mundo cristão e em Portugal especialmente.

A propósito de S. Martinho lembra-me aquela historieta passada na minha santa aldeia.

E já velha usança provar-se o vinho novo no dia do santo protector de todos os molhados.

Ora aconteceu que o Tomé fez um vinho de bica aberta com o qual encheu um pipote de três almudes.

Esse vinho, segundo a opinião abalisada do Tomé, devia ser uma especialidade.

O Tomé tinha um compadre, velho sabido e fervoroso apóstolo do Deus Baco.

O Tomé por sua desgraça caiu de cama com um forte ataque de gripe nas vésperas do santo.

O compadre foi visitá-lo e o Tomé não resistiu à tentação de o mandar provar o vinho já que ele se encontrava impossibilitado de o fazer.

O compadre foi.
— Então que tal o vinho?

— Ainda não está claro, compadre. Amanhã volto a vê-lo.

E todos os dias o compadre do Tomé dava a mesma resposta: Ainda não está claro.

Amanhã volto a vê-lo.

Decorridos uns bons quinze dias, o Tomé levantou-se.

Cantarolou uma modinha, foi à salgadeira tirar uma isca de presunto e foi provar o vinho de bica aberta que devia ser uma especialidade.

Chegou junto do pipito e acariçou-o. Abriu a torneira e... nada. Nem uma gota...

Abanou o pipo, virou-o e... nada. Escusado será dizer que o compadre lhe tinha bebido o vinho todo.

Apresento-te, MARIA RITA, o meu amigo Alcibiades, filósofo de sete costados.

Alcibiades é novo, usa monóculo, bengalinha à Charlot e um bigode mais ou menos fotogénico.

Adora a Clara Bow, ama a Greta Garbo, mas como bom português que é, não desdenha os produtos nacionais e, assim, tem também um fratinho pela Beatriz Costa.

Como todo o rapaz moderno que se preza não tem vintém.

Mas é filósofo. Segundo éle a filo-

sófia foi a ama de leite de tôdas as ciências.

Adora as mulheres e as mulheres adoram-no a-pesar-de lhes atirar pedras. Diz éle:

Se queres conquistar uma mulher diz mal dela.

Ai vão alguns dos seus pensamentos:

Penso, logo existo, disse Descartes, vê-se bem que foi um homem que escreveu isto. Se fôsse uma mulher diria: Não penso e existo.

Para certos filósofos só existe na realidade o que resiste.

A mulher, contudo, não resiste e tem uma existência real.

Duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si, dizem os matemáticos.

Mulher é feminino.

Mentira, crueldade, maldade, preversidade, mabedicência lhe são femininos.

Logo mulher e mentira e maldade etc., são uma e a mesma coisa.

O sol quando nasce é como a mulher quando se levanta: — dá luz, mas não aquece.

O sol quando se põe é como a mulher quando se deita: — dá pouca luz e aquece.

As mulheres, como os automóveis, também teem mudanças de velocidade.

Se o pretendente é pobre metem primeira velocidade.

Se o pretendente é quasi rico metem já a segunda.

Se o pretendente é rico metem terceira pela certa.

Por onde entra a inocência saiem as mulheres.

Prefiro uma mulher de virtude a uma mulher virtuosa.

A uma mulher de virtude pode ser virtuosa. A virtuosa é que nunca pode ter virtude.

Até à semana, MARIA RITA. Abraça-te o

Mil Reis.

Poeta, prosador, dramaturgo, crítico, conferencista, tradutor... e por cima médico.

Como poeta impressionou-o certo *Arco-Iris* e, analisando as côres, uma por uma, com os olhos da sensibilidade, a retina fixou-se em *O Raio Verde*.

Longe da poesia, remou *contra a maré*, e uma vez, por desejar *Saúde e Fraternidade*, viu-se guindado ao mais alto e mais rico pedestal das letras portuguesas.

Mais tarde, aborrecido de tilintar *moeda corrente*, pôe a descoberto ao *Sabino Arruda as suas duas paixões*.

Conviveu com a suave *Miss Esfinge* e falou ao *Camilo Alcoforado*.

Passou incessantemente *Entre-Douro e Minho*... até que parou, emfim, para dar uma sova mestra, violenta e justa num tal *Médico-Peçonha*.

Ultimamente, de más relações com os homens e com os cenários urbanos, seguiu até Moncorvo.

E aqui, enchendo os pulmões de bom ar, exclamava alacre: «Isto sim! São *Ares da minha Serra!*»

Não mendiga elogios; não consente que os seus retratos ilustrem — sem razão — as gazetas; não toma parte em embaixadas diplomáticas; nunca viveu com o *pé no estribo*; nunca mandou colocar, no primeiro milhar dos seus livros, 2.^a edição; nunca falou ao ouvido de nenhuma *madame X*, *Y* ou *Z*.

E' em tudo, e por tudo, um grande de Portugal!...

Fernando.

Chega ao nosso conhecimento que alguém supôs referir-se a um ilustre jornalista portuense um suêlto publicado no último número da MARIA RITA. Não se refere — declaramo-lo expontânea e convictamente — nem podia referir-se, porque êsse jornalista é uma pessoa de probidade inconcussa, de respeitabilidade indiscutível e de saber comprovado. O seu jornal é um modelo de processos jornalísticos, ao qual o país deve assinalados serviços e tantos os pobres como as instituições de caridade devem beneficios sem conta, sendo a distribuição domiciliar de socorros feita com tal escrupulo que qualquer pessoa a pode fiscalizar com os dados regular e periodicamente publicados. A MARIA RITA faz habitualmente galhofa, não fere caracteres dignos de respeito a todos.

Para pintar paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.^a — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Melhor que os bons petisquinhos
Peixe ou bacalhau com ervas
Tem a fábrica de Matozinhos
A rainha das conservas.

Vensódias.

Rodeada de carinhos
Mais do que deusas minervas
Temos nós em Matozinhos
A rainha das conservas.

Fantasma Negro.

Não me fales em rainhas
Porque com isso me enervas
Que vá amañhar sardinhas
A rainha das conservas.

F. Rodrigues.

Vou mandar confeccionar
Coroa de flores e ervas
Mas... quem a vai ostentar?
A rainha das conservas.

Manuel Monteiro.

A Matozinhos à festa,
Se fores, vê lá se observas
Se alguém por lá detesta
A rainha das conservas.

Monteiro II.

Para curar enterites
«Beba-m'águas, coma-m'ervas»,
Mas para abrir apctites...
A rainha das conservas

S. Pôrto.

Bebes m'águas, comes m'ervas,
Porque isso te custa — nieles;
Assim chegasses a «Pickles»
A rainha das conservas.

Caura.

N'um trono de querebins
Com uma coroa d'ervas
Stá o Ferreira Martins
E a rainha das conservas.

Dr. Cupido.

A rainha das conservas
Anda tóda perfumada
Cheira ao alho, cheira às ervas
E a sardinha remelada!

Zé Menes.

A rainha das conservas
Que há dias subiu ao trono,
Agachou-se entre umas ervas
E caiu cheia de sono.

Olegna.

A rainha das conservas:
— Atum, sardinha, salmão,
Está nas grandes reservas
Do conserveiro Brandão.

Zangorlipanfas.

Nas conservas do Brandão,
Do Tenório e doutros mais,
A rainha das conservas,
Entre todos vós achais.

Zeus.

Ela é pobre, como Job...
E' mesmo filha das ervas!...
Mas, de beleza, cla só;
A rainha das conservas!...

Ventofresco.

Quem pode dizer que és feia,
Só és a mais linda das ervas!...
Vendo eu só em ti, na arcia,
A rainha das conservas?...

Tufão.

Dormir todo desnudado
Em Janciro, entre as ervas,
E' o mesmo que ter ao lado
A rainha das conservas.

Rutra Luar.

Galhofeira e sem reservas,
Disse-me hoje uma vizinha
Que a rainha das conservas
Não é mulher: é sardinha!

Gil-Berto.

A rainha das conservas.
Só por si, enche uma sala:
Tem cetro, tem manto e c'roa
E um *Brandão* a alumia-la!

Alexandre Dumas Coisas.

Geme o Prelo, e as Minervas
No seu labor rotineiro,
Saúdam ao mundo inteiro!
A rainha das conservas.

Otropavlis.

◆◆◆

O prémio de 2000 foi atribuído à quadra
de *Rei Fera*, por ser a melhor.

●

No próximo número:

GRANDE CONCURSO ÉPICO

obrigado a soneto com 14 versos pelo menos.
Não fazemos questão de silabas; tanto
faz 7, como 8, 9, 10, 12 ou menos ainda.
O que queremos é que o soneto obedeça às
seguintes regras:

Ser bem metrificado
Ter graça
E obrigado ao seguinte tema:

O SONHO DO TELES

ANUNCIOS

do "Diário de Notícias"

Sol

*A-pesar-de tudo, sempre o mesmo. Sin-
ceras saúdades.*

Nestes anúncios, a esmo,
há cada infantilidade!
— Diz que o Sol é sempre o mesmo!
— Mas que grande novidade!

Com anúncios, desafiam,
o Sol, que tudo *alumia!*
e inda depois se admiram,
se o Sol, se puser um dia!

Casamento

*Viuvo, de 68 anos, pretende senhora
da mesma idade, com alguns haveres.
Carta, etc.*

Com sessenta-e-oito anos,
parece estar em jejum!
Se a vida não lhe faz danos,
porque não espera mais um?

Um homem com alguns teres,
deve ver o que eu já vi...
e senhoras com haveres,
«*deve haveres*» tantas por aí!

Jóia

*Era tudo falso! E' melhor pôr uma
pedra sobre o assunto. P.*

Dêste anúncio que se lê,
uma verdade realça: —
A jóia que tem o P.
é jóia... com pedra falsa!

Mas o que o anúncio encerra,
deve ser muita malícia!
Ele, deu-lhe uma jóia falsa,
e o P. quer dizer *Polícia.*

Aníbal.

Quadras escangalhadas

Quem diz que o amar que custa
De-certo tem bem razão
Eu amei... mas o pai dela
Deu-me cabo do coirão.

O' minha mãe, minha mãe
Para que fazes barulho?
— Quero esmoer o almôço
Que tenho cá no bandulho.

Tens uma nodoa no peito
Esfrega-a bem com sabão,
Que isso deve ser efeito
De ser's porca até mais mão.

Elmano Siamor.

O chá:

Quem *chá* toma em pequeno, é natural,
Que venha a ser um homem delicado...
Vindo de longe, assim, como educado.
O povo, trata bem, d'um modo igual!...

O *chá*... grande riqueza... um capital!...
Dá sempre um ambiente perfumado...
O *flirt*, quando, em *chá*, acompanhado,
Tem a subtil poesia... o madrigal!...

O que não trata bem, não tomou *chá*...
Não teve a educação e é penoso,
Ver que no Mundo, assim, tanta gente há!...

O que eu acho, p'ra mim, mais curioso,
E' ver a importância que se dá,
Ao vil do malcriado, homem teimoso!...

Alfredo Cunha (Raza).

Teatro das

CINEMATOGRAFICAS

"SOB O MANTO DIAFANO DO HUMORISMO, O ARROCHO TESO DA VERDADE"

Um cortejo — grotesco — teatral — carnavalesco

Num dos primeiros dias desta semana, vimos passar na Praça da Liberdade um grupo de fantoches que nos comoveu sobremaneira.

Eram 4 horas da tarde aproximadamente. Praça cheia como de costume. De repente, dos lados dos Clérigos, ouviram-se meia dúzia de notas falsíssimas. O que era? A que propósito?

Não era nada. Era um reclame à peça que está no *Carlos Alberto*: meia dúzia de garotos conduzindo um estandarte estúpido, 4 músicos de fardas desabotoadas chinfrinando ao acaso, e atrás uma camioneta nocturna conduzindo a proteseo figura do Vasco Santana reproduzida do seu papel na peça *Campeão*.

Felizmente ninguém de nós se riu. Aquilo passou, e nós ficamos a pensar desgostosamente:

— Mas isto será a segunda cidade do País? Ou estamos nós em Pico de Regalados?

Na provincia é que costume anunciar-se as troupes de saltimbancos com uma charanga igual e com iguais palhaços enfiados.

E chegamos à seguinte conclusão: ou nós estamos realmente numa aldeia sertaneja, ou é na realidade uma companhia de saltimbancos aquela que se reclama desta forma.

Quando é que haverá um bocadinho de critério na direcção das empresas teatrais?...

Notas, Ecos & Boatos

Ramada Curto fez representar em Lisboa, no *S. Carlos*, pela companhia de Ilda Stichini, uma nova peça sua com o título *Mascarada*. E já que a peça assim se chamava, tudo aquilo não passou duma mascarada, com grossa pateada na plateia. Se a peça era má — o desempenho ainda era pior. Uma entrada autêntica no velho teatro lírico!

— Há coisas que, pela miséria moral que representam e pelo conflagrador ridículo de que se revestem, nos arpejam até à medula, como a Georgina Cordeiro quando canta. Essas coisas, talvez, não estejam bem dentro do âmbito galhofeiro dum jornal humorístico, se bem que só com o *knut* do ridículo mereçam ser tratadas. Um exemplo passado no Porto: há pouco ainda, uma actriz dum companhia — figura interessante e simpática do nosso teatro ligeiro — adoeceu. E como a doença se estendesse por alguns dias, foi a pobre actriz visitada no seu hotel por um neo-homem de teatro que, não se importando com o papel de carrasco que ia desempenhar, lhe foi dizer que, em virtude de ela estar doente, a empresa não lhe pagava e a despedia. Se a pobre actriz não tivesse de que se valer, ficava assim ao desamparo! Todavia, esse neo-homem de teatro quanto dinheiro tem desbaratado pelos camarins... E' tão antipático este caso — que bem merecia, como castigo, que o nome do seu protagonista aqui fosse amarrado como a um pelourinho. Talvez o façamos ainda.

— A alta finança, o alto comércio e as grandes empresas, continuam a ser representadas na

caixa do *Sá da Bandeira*. Que vistosa barraca de *Pim-Pam-Pum* se fazia com as caricaturas de todos eles! Talvez um dia nos abalancemos à obra...

— Foi-se embora a Maria Helena e vem a Maria Brasão. Ambas são Marias e ambas tem plásticas de erguer um morto...

— O *Carlos Alberto* fez uma matinee infantil e, logo, o *Sá da Bandeira* se aproveitou dessa ideia. São uns *mágicos*...

— Com a partida da Maria Helena lá se foi o retrato *calaginoso* desta capitosa actriz. Ainda bem, pois o retrato podia cair um dia do alto e esborrachar o José Marques, que ainda é, ao lado do Pedro e do João Silva, alguma coisa de bom.

— A Beatriz Costa, na *Rua de Sevilha da Feira da Alegria* sentava sempre nos joelhos a corista Maria Pinto. Vê lá, Beatrizinha: *Diz-me com quem andas*...

— O reclame que o *Carlos Alberto* pôs nas ruas a propósito de *O Campeão* era uma vergonha. A autoridade devia ter intervido nesse desacato ao bom-senso e ao bom-gosto. Aquilo nem para uma aldeia há cem anos!

— Os bailarinos Móra e Falcoff são uns interessantes artistas, sim, senhor; mas quando armam em excêntricos são mais inspidos do que caldo sem sal ou do que a Georgina Cordeiro quando está em cena.

— Isto agora está em voga, os actores feitos autores. Depois do Vasco e doutros, o Joaquim Almada. Vocelências já repararam que isto só se dá de há um tempo a esta parte! Ter-lhes-ia vindo a *veia dramaturgica* com algum ataque de *sarampo*? Isto chama-se comer a todos os carrinhos... E se os autores quiserem ir para autores a lei não deixa...

— Estou em descanso as coristas do *Sá da Bandeira*. Recomendamos-lhes uma cura de repouso num sanatório e um grande tratamento de ovos, para ver se, depois se ouvem quando cantarem.

— Foi-se embora a Georgina Cordeiro. Parabéns aos frequentadores do *Sá da Bandeira*.

— A Elisa Carreira não quer fazer chefes de quadro, duetos, tercetos, etc. Só quer papéis de grande destaque. Coitadinha, está atacada de *estrelatite* aguda. Recomendamos-lhe banhos de critério e duches de modéstia.

— Aquilo por Lisboa não está lá muito bom. As *Pernas ao léu* da Satanela (agora é preciso pedir outra vez licença ao Amaranço para falar na Luizinha) mudaram de posição e feito. A Ilda Stichini leva taponas do publico e da critica e os outros lá vão vivendo com a graça dos balões de oxigenio. Só o *Arraial*, no no *Trindade*, com a graça tripeiríssima da Maria das Neves e o *tic* sensual da moreninha brasileira Aracy Cortes, e o *Pistarim*, no *Maria Vitória*, com a boa chalaça do Carlos Leal e o ar capcioso da Vanise Meireles, é que vão singrando em maré serena.

— A nossa gente de teatro costuma agradecer, sensibilizada até à medula, os aplausos comprados e obrigatórios da *claque*. Há sempre quem goste de vogar nas asas imponderáveis da ilusão...

— *O Campeão*, à força de tanto combater,

já está *knok-out*... E' melhor arranjar um novo combatente enquanto este não expira de todo...

— A Georgina Cordeiro estava para se ir embora, mas, como veio a Maria Helena, ficou. Agora foi embora com ela. Há amizades que se agarram umas às outras como a lapa à sua concha.

— *O Batalha* inaugurou as sessões populares de cinema. Ai, seu *teso* — Figueiroa amigo. *O Batalha* prossegue, pois, nas suas brilhantes tradições populares.

— *O Olimpia* está de parabéns. Esta semana ofereceu-nos um apetitoso *accipe* de bom e constante riso.

— No teatro não há pequenos papéis; o que há são maus actores e actrizes vaidosas.

— Os nossos cinemas continuam a exhibir fitas faladas por outras pessoas que não são os próprios intérpretes. Não está bem! E' preciso que acabe tal coisa. Isto é enganar o publico e atraí-lo aos propósitos que criaram o cinema falado.

— Afinal de contas a actriz Elisa Carreira sempre foi para a *tabela*, multada em 50 1/10 d'j seu ordenado por se recusar a fazer um papel na *Estréla do Avenida*. Depois de afixada a *tabela*, Elisa Carreira sempre se resolveu a fazer o papel por *especial deferencia*. O que será mais artisticamente deprimente — esse acto de indisciplina profissional ou o desempenho dum pequeno papel?

— *O Trindade* apresenta-nos, esta semana, o *Chevalier* de outra forma e mais interessante: *O Armando Pereira* tem dedo para estas coisas!

— Aqueles *Desenhos animados da matinee* de Domingo no *Sá da Bandeira* foi simplesmente uma vergonha. Que insipidez e que falta de gosto!!!

— *A Revolta das Feras* se intitula o filme do *S. João*. Como aquilo é tão sensaborão não sabemos como não passa a chamar-se *A Revolta dos Espectadores*.

— O nosso prezado colega lisbonense na laracha, *Os Ridiculos*, falava assim, há dias a nosso respeito na sua interessante secção teatral:

«Na Maria Rita, do Porto, appareceu agora um novo colaborador a escrever sobre teatro. Assina-se Sarcey J., e arreja cada uma que até treme tudo! A Companhia do Avenida, que está no Sá da Bandeira, tem-n'as ouvido bonitas!
Nunc, as mãos lhe dão!»

MARIA RJA — tirando o chapéu em grande estilo velho, como diz o mimoso poeta Julio Dantas — di: **Muito obrigada.**

Criticos Unidos.



O Novo "OPEL" --- o carro preferido pela "elite"

Grandioso Concurso do Natal

Obedecendo às mesmas regras gramaticais dos nossos concursos anteriores:

GRACIOSIDADE ↔ LUCRO ↔ DISTRAÇÃO

que se intitulará o

CONCURSO DO MELHOR PALPITE

e GRAVITARÁ EM TORNO DA SORTE GRANDE DO NATAL.

Formidáveis prémios oferecidos pelas melhores casas do Pôrto

Além desses a **MARIA RITA** oferecerá ainda:

UMA CASA feita à vontade do premiado na
peça de roupa que entender.

DOIS AUTOMOVEIS em tamanho de criança.

UMA RIQUISSIMA MOBILIA de boneca.

No próximo número se iniciará este

GRANDIOSO CONCURSO DO PALPITE
